



# PM sai da USP na segunda, diz reitoria

Decisão foi tomada após funcionários grevistas decidirem suspender piquetes, pelo menos em dias de negociação

**Saída dos policiais militares, no entanto, pode não ser definitiva, mas dependerá do andamento das negociações, que começam na segunda**

TALITA BEDINELLI  
DA REPORTAGEM LOCAL

A reitoria da USP afirmou ontem que a Polícia Militar deixará, na segunda-feira, a Cidade Universitária (zona oeste de SP). A decisão foi tomada depois que funcionários, em greve desde 5 de maio, decidiram suspender os piquetes —que tinham como objetivo fechar as portas de oito prédios da USP, incluindo o da reitoria.

A saída dos policiais, no entanto, pode não ser definitiva, já que os manifestantes dizem que os piquetes só serão suspensos em dias de negociação.

“Se a negociação for segunda e quarta, por exemplo, na terça faremos o piquete”, disse Magno de Carvalho, diretor de base do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP).

Os piquetes eram o último impasse para a retomada das negociações entre grevistas de USP, Unesp e Unicamp e as reitorias das três universidades.

Por causa dos bloqueios aos prédios, a PM ocupa a USP desde o começo do mês para cumprir um mandado de reintegração de posse pedido pela reitora Suely Vilela. Em resposta à entrada da PM, parte dos professores e estudantes da USP decidiram aderir à greve em 5 de junho. Eles pedem ainda que a reitora deixe o cargo.

As negociações haviam chegado a um impasse: os grevistas afirmavam que não as retomariam enquanto a PM estivesse no campus; a reitora dizia que os policiais só sairiam quando os piquetes terminassem.

No dia 9, após um ato na USP, PMs entraram em confronto com alunos e servidores, deixando dez feridos.

## Reivindicações

Entre as reivindicações dos grevistas, estão reajuste salarial maior e a readmissão do sindicalista Claudionor Brandão.

Ontem à tarde, o Cruesp (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas) enviou um fax para o Fórum das Seis —entidade que representa alunos, funcionários e professores das três universidades— confirmando a negociação para segunda, às 14h.

O diretor do sindicato voltou ontem a defender os piquetes, dizendo que eles são necessários para evitar que os trabalhadores em greve sejam obrigados pelos chefes a retornar ao serviço. “Eles ligam ameaçando, dizendo que o prédio está aberto e que, se os trabalhadores não voltarem, podem sofrer consequências”, afirmou.

A assessoria de imprensa da reitoria afirmou que não há como verificar a veracidade das informações, porque não há nenhuma reclamação de trabalhadores em greve contra os supostos assédios dos patrões.

Com a presença da PM no campus —pela primeira vez no dia 1º de junho e permanentemente a partir do dia 3—, os manifestantes iam até as portas dos prédios diariamente, mas não conseguiam bloqueá-las.

O Sintusp afirmava, no entanto, que, no momento em que os policiais saíssem, as portas seriam bloqueadas de novo.

Para segunda-feira, dia da negociação, os grevistas da USP marcaram um novo ato em frente à reitoria. A manifestação deve contar também com a presença de grevistas da Unesp e da Unicamp.



Empurra-empurra entre estudantes contrários à greve e grevistas da USP, no início da tarde de ontem; houve troca de chutes

## Protesto de alunos antigrevistas gera confusão

DA REPORTAGEM LOCAL

Dois protestos de estudantes antigreve ontem na USP acabaram em confronto com grevistas. Em um deles, os dois grupos chegaram a trocar chutes, mas ninguém ficou ferido.

Pela manhã, um piquenique dos alunos contrários à paralisação na parte dos fundos da ECA (Escola de Comunicações e Artes) reuniu cerca de 80 estudantes de diversos cursos, como engenharia, economia, relações públicas e história.

No local, onde também fica a

sede do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP), ocorria no momento uma assembleia de funcionários da USP.

Dois estudantes do IAG (Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas) entraram na assembleia e, quando foram descobertos, acabaram expulsos do local aos gritos, inclusive por alunos grevistas, que também estavam na assembleia. Os dois grupos de alunos discutiram e se empurraram, mas, no final, acabaram promovendo um debate pacífico sobre as pautas da greve.

Por volta das 19h, cerca de 300 estudantes contra a greve se reuniram na praça do Relógio, também dentro da universidade. Eles gritavam palavras de ordem como: “Fora, Brandão, queremos bandeirão”, pedindo também a volta do ônibus circular da USP. Alguns gritavam ainda: “Viva a PM”.

Alunos grevistas apareceram em seguida, e os dois grupos discutiram novamente. Houve xingamentos.

Um estudante de relações internacionais antigreve afirma que foi atingido por uma pedra.

A Força Tática da PM chegou ao local, mas só observou a discussão. Os não grevistas, então, decidiram deixar o local e foram seguidos pelos estudantes grevistas, que diziam para eles retornarem às aulas.

Houve correria, e os antigrevistas se refugiaram na FEA (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade), unidade que é tradicionalmente contrária à greve.

A discussão continuou na porta da faculdade, mas aos poucos os dois grupos foram se dispersando. (17B)